

AMAZONIA

Mercúrio contamina os rios e o ar

O custo do óleo necessário à operação das dragas, o preço de manutenção das máquinas, a tarifa cobrada pelo transporte aéreo entre as pistas clandestinas, a falta de tecnologia para evitar perdas e o esgotamento das jazidas de ouro do aluvião, na beira dos rios amazônicos são fatores que estão diminuindo a rentabilidade dos garimpos. Ao explorar ouro de

uma área já desgastada, onde o mineral está disperso em grãos muito finos, os garimpos da região do rio Madeira, em Rondônia, gastam atualmente 1,32 quilo de mercúrio para a obtenção de um quilo de ouro — 55% do mercúrio é liberado na atmosfera, em forma gasosa, e 45% vai para as águas dos rios, segundo apurou este jornal. Com esses dados, apre-

sentados quarta-feira durante o 1º Congresso Brasileiro de Saúde e Meio Ambiente, Roque Monteleone, coordenador do Programa de Mercúrio da Divisão Nacional de Vigilância Sanitária, do Ministério da Saúde, tentou provar que o ciclo da atividade garimpeira na Amazônia entrou na fase de decadência e caminhará rapidamente para a estagnação, se não adotar tecnologias capazes de recuperar o mercúrio para a reutilização no processo de produção do ouro, sem causar danos ao ambiente.

“A degradação das jazidas de aluvião está fazendo com que alguns garimpeiros detentores de tecnologia mais sofisticada passem a explorar as jazidas primárias de ouro, situadas nas rochas do subsolo”, informa Sandra Hacom, da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), responsável pela avaliação técnica dos projetos tecnológicos encaminhados à instituição para a obtenção de financiamento. Segundo ela, a exploração de jazidas primárias de ouro por garimpeiros já é realidade no município de Patrocinio, no sul do Pará, onde a população passou de 3 mil para 15 mil habitantes no último ano.

Os números apresentados por Roque Monteleone mostram que o mundo produz anualmente entre 7 mil e 10 mil toneladas de mer-

cúrio, 75% delas consumidas pelos países do Primeiro Mundo. Entre as várias atividades industriais que usam o mercúrio em seus processos de produção, a indústria de soda cáustica é a maior consumidora, absorvendo 25% da produção mundial. Em segundo lugar, estão os setores de materiais elétricos e papel e celulose, ambos com fatias de 20%. As indústrias de tintas ficam com 15%, os equipamentos industriais científicos com 10% e os consultórios dentários com 3%. Os dentistas usam mercúrio para fazer os amálgamas indispensáveis ao tratamento das cáries.

No Brasil, 650 mil garimpeiros atuam numa área de 16,7 milhões de hectares, produzindo em média 24 toneladas de ouro por ano, segundo dados oficiais apresentados por Monteleone. Para conseguir essa produção, eles liberam no ambiente 33 toneladas de mercúrio por ano. Entre 1986 e 1989 o país importou 848 toneladas de mercúrio, compradas principalmente da Alemanha, Inglaterra, Holanda e Estados Unidos. Dessas, entre 52 e 87% foram liberadas sob a forma de vapor na Amazônia, correspondente a 2% da quantidade total de mercúrio liberada na atmosfera pelas atividades humanas (garimpos e indústrias), em todo o planeta.

Garimpos terão sistemas de controle da poluição

O Ministério da Saúde vai distribuir retortas (equipamento que evita a liberação de vapor de mercúrio no ar e possibilita a recuperação do metal) aos garimpeiros da Amazônia. A Fundação Ecológica Goldmine, que propôs a distribuição gratuita das retortas, encarregou-se de fazer com que o equipamento chegue aos garimpos onde o nível de poluição é crítico.

O projeto foi anunciado quarta-feira por Baldur Schubert, diretor da Divisão Nacional de Vigilância Sanitária, do Ministério da Saúde, pouco depois de participar de I Congresso Brasileiro de Saúde e Meio Ambiente. “Possivelmente começaremos a distribuição pelos garimpos do sul do Pará”, informou Schubert, discordando da entrega gratuita das retortas.

Na próxima semana, Schubert definirá a quantidade de equipamentos a ser distribuída através de reunião com representantes dos garimpeiros, a Fundação Goldmine e pesqui-

sadores do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto de Tecnologia do Paraná, produtores das retortas. “Não adianta combater o uso de mercúrio, mas encontrar formas de evitar a degradação ambiental causada pelo poluente”, argumenta Schubert, lembrando que “nenhum sistema de fiscalização funciona no interior da Amazônia”.

Somente na região de Alta Floresta, norte de Mato Grosso, os garimpos liberam no ambiente uma tonelada de mercúrio por ano em forma de vapor. A última medição feita no rio Madeira, em Rondônia, detectou a existência de peixes contaminados com níveis de mercúrio três vezes acima do limite aceitável. Na mesma região, no rio Jaci-Paraná, os pesquisadores encontraram nos peixes, principalmente o pintado — alimento comum dos habitantes locais —, uma concentração de mercúrio quase seis vezes superior ao limite.

PRODUÇÃO DE OURO NO BRASIL E USO DE MERCÚRIO

Área envolvida: 16,7 milhões de hectares
 Número de garimpeiros: 650.000
 Reservas de ouro: 33.000 toneladas (Souza e Lins, 90)
 Produção média por ano: 24 toneladas (Siba, 89)
 Importação de Hg 86-89: 848 toneladas (Liberato, 89)
 Emissão de vapores de Hg na Amazônia: 52 - 87 t/ano = 2% das emissões antropogênicas anuais = 1% das emissões globais

Fonte: Hacom, 1990.